

MATERIAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

DOIS IRMÃOS

AUTORES

**FÁBIO MOON E GABRIEL BÁ
(ADAPTAÇÃO E ILUSTRAÇÕES)**

**BASEADO NA OBRA
DE MILTON HATOUM**

TEMA

**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA
E COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO

**HISTÓRIA EM QUADRINHO,
ROMANCE GRÁFICO E LIVRO
DE IMAGENS**



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Adriana Moreira Pedro

Adriana Bairrada

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 6

O tema e o gênero, 7

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **9**

Pré-leitura, 11

Leitura, 13

Pós-leitura, 23

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**

Linguagens e suas Tecnologias: Arte, 26

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: História, Geografia e Sociologia, 28

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Filosofia, 31

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **34**

A construção de um escritor, 35

Sugestões de referências complementares, **43**

Bibliografia comentada, **44**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o romance gráfico *Dois irmãos*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos dos autores, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e seus estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Conhecer o cânone literário por outro viés, ou seja, por meio de uma adaptação, é arrancar a obra da torre elevada dos clássicos e torná-la mais acessível a outros públicos não previstos na obra original, como os leitores de quadrinhos. Para alguns, a transfiguração do original é vista como perda, para outros, como superação do original, no entanto, cada adaptação é, na verdade, uma transcrição que revela as possibilidades desse corpo plurissignificativo que é a literatura.

É o que ocorre com o romance gráfico *Dois Irmãos*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, que apresenta aos estudantes do Ensino Médio a versão em quadrinhos do já consagrado romance homônimo do escritor manauense Milton Hatoum. É de fundamental importância nessa fase da escolaridade que jovens descubram os clássicos e percebam os elementos que os tornam parte integrante do melhor da literatura brasileira e mundial: sua capacidade de não se esgotar em si mesmo, de produzir sentidos e possibilidades múltiplas — não somente de leitura e interpretação, mas até mesmo de outras formas de linguagem.

Desenhando desde a infância, juntos e apaixonados pelo ofício escolhido por eles, os irmãos gêmeos **Fábio Moon** e **Gabriel Bá**, nascidos em São Paulo, em 5 de julho de 1976, produzem histórias em quadrinhos há mais de vinte anos e seus talentos já foram reconhecidos internacionalmente com cinco prêmios Eisner Awards e quatro Harvey Awards, além de um Prêmio Jabuti e mais de dez Troféus HQ Mix.

Essa trilha de sucesso no gênero HQ teve início com a série *10 pãezinhos*, criada em 1997 e que chegou a quarenta números. Foi em 2008, por criarem uma adaptação em quadrinhos da obra *O alienista*, de Machado de Assis, que Fábio Moon e Gabriel Bá conquistaram o Prêmio Jabuti, na categoria de melhor livro didático e paradidático para Ensino Médio ou Fundamental. Com a obra *Daytripper*, lançada em 2010, os gêmeos ficaram semanas na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*, tiveram seu livro publicado em mais de doze idiomas e foram aclamados com os prêmios internacionais mais importantes do mercado editorial de HQ. Mas foi em 2015, com a criação da adaptação da obra *Dois irmãos*, do escritor manauense Milton Hatoum, que os gêmeos alcançaram o sucesso absoluto, tanto no Brasil como no exterior, com as premiações mais honrosas para quadrinistas.

Milton Hatoum, autor da obra original, nasceu em Manaus em 1952. Estudou arquitetura na Universidade de São Paulo (USP) e estreou na ficção com *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989 e vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance do ano. Seu segundo romance, *Dois irmãos*, de 2000, mereceu outro Jabuti e foi traduzido para doze idiomas e adaptado para a televisão, teatro e quadrinhos. Com *Cinzas do Norte*, de 2005, Hatoum ganhou os prêmios Jabuti, Bravo!, Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) e Portugal Telecom. Em 2006, lançou *A cidadeilhada*, uma reunião de contos breves. Em 2008, sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado*, foi adaptada para o cinema, e em 2013 teve suas crônicas reunidas em *Um solitário à espreita*. É colunista dos

jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Em 2017, recebeu do governo francês o título de *Officier de L'Ordre des Arts et des Lettres*.

Ter reunido no livro *Dois irmãos* a genialidade dos gêmeos quadrinistas e a grandeza do escritor manauara dará ao jovem leitor uma experiência estética única e de uma envergadura incomparável, com toda a poeticidade, o lirismo e a complexidade do gênero romance agora transportados para o romance gráfico de Fábio Moon e Gabriel Bá.

O TEMA E O GÊNERO

Afinal o que se deve esperar da leitura de uma obra? Momentos de entretenimento e distração? Mergulho na complexidade da alma humana? Beleza? A possibilidade de unir em uma obra a leitura de fruição e a experiência estética — visual e poética — já bastaria para justificar a leitura do romance gráfico *Dois irmãos*. Mas, para além disso, a obra criada pelos gêmeos quadrinistas propicia ao leitor a possibilidade de adentrar, com uma nova linguagem, em uma densa rede de relações familiares ao trazer personagens de ascendência libanesa que se deslocam entre diferentes países, estados e cidades. A partir desse mergulho, é possível, por meio da ficção, estabelecer **diálogos entre a sociologia e a antropologia**, seja no que se refere ao choque cultural ou aos conflitos familiares comuns a todas as sociedades representados pela disputa entre os irmãos Yaqub e Omar, Zana e o marido Halim, ou à reprodução dos estereótipos femininos: a filha solteira comerciante, a empregada violentada, a dançarina prostituta, a mãe superprotetora. Nesse sentido, o livro possibilita ainda estabelecer diálogos com Temas Transversais Contemporâneos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que se refere à vida familiar e social, uma vez que chama a atenção o quanto a família retratada na obra é disfuncional.

Assim, a leitura do romance gráfico *Dois irmãos* oferece aos leitores um painel da sociedade naquilo que lhe é mais nuclear: a família, com todas suas sutilezas, miudezas e particularidades, além de incentivar a leitura de literatura de qualidade, não somente no formato canônico, mas também por meio da potencialidade da linguagem entre códigos verbal e visual.

Conhecer mais o gênero literário será um elemento motivador de leitura, visto que os estudantes costumam gostar de HQs desde a infância, seja com a Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, ou os quadrinhos da Disney, seja com as obras da DC Comics e da Marvel Comics, seja com os mangás, tão apreciados por crianças e adolescentes. Em *Dois irmãos*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, muitos estudantes darão um salto na perspectiva que têm de HQs. Por isso, nossa opção por trabalhar com a nomenclatura *romance gráfico*, pois, desde que o conceito (originalmente *graphic novel*) foi adotado pelo grande quadrinista Will Eisner (1917-2005), na década de 1970, os quadrinhos têm vivido seu boom. Embora ainda não seja consensual entre os autores de HQ em geral, para Eisner, quando se utiliza a expressão *romance gráfico* damos destaque à profundidade e à poeticidade da narrativa gráfica.

O futuro das *graphic novels* depende de autores que de fato acreditem que a aplicação da arte sequencial, com seu entrelaçamento de palavras e imagens, estabelece uma dimensão comu-

nicativa que contribui — de maneira cada vez mais relevante — para o fazer literário que se ocupa de investigar a experiência humana. O estilo, a apresentação — apesar da falta de espaço e do suporte tecnológico de reprodução limitado —, os balões e os quadrinhos ainda são as principais ferramentas do artista sequencial. (EISNER, 2010, p. 149)

Uma das diferenças entre o romance gráfico e os quadrinhos, por exemplo, é que o primeiro, além de tratar de “temas adultos”, também se concentra numa obra única assinada pelo autor, enquanto nas histórias em quadrinhos, por exemplo, uma equipe pode dar continuidade à criação, a depender do sucesso alcançado. O gênero **romance gráfico**, ou *graphic novel*, reivindica para si o mesmo status do romance tradicional, devido à complexidade e densidade das narrativas, além de outros recursos comuns ao romance tradicional, como o hibridismo dos gêneros, trazendo para seu interior cartas, bilhetes e poemas, entre outros.

Fábio Moon e Gabriel Bá foram influenciados por importantes ilustradores e quadrinistas brasileiros contemporâneos, como Luiz Gê (1951), Laerte (1951), Glauco (1957-2010) e Angeli (1956), mas também por autores internacionais, como Will Eisner, Alan Moore (nascido em 1953, autor de *Watchmen*) e Frank Miller (1957, autor de *O cavaleiro das trevas*). Em entrevistas, os irmãos também declaram ter sido influenciados por quadrinistas contemporâneos como Jeff Smith (1960), autor independente dos Estados Unidos, criador de um quadrinho chamado *Bone*; um francês chamado Cyril Pedrosa (1972), conhecido pelos gêmeos por meio de uma HQ nomeada *Três sombras*, e Paul Pope (1970), quadrinista norte-americano cuja abordagem mescla ficção científica, cultura pop e temas como relacionamentos, e que procura não se encaixar em fórmulas mercadológicas e atingir vários públicos.

Toda essa multiplicidade de referências demonstra a amplitude desses gênios da HQ, autores indispensáveis para a constituição do repertório literário dos estudantes.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dois irmãos é uma leitura essencial no Novo Ensino Médio, pois abre espaço para a discussão sobre os gêneros literários que se utilizam da palavra e da imagem — como os romances gráficos —, possibilitando que os jovens reflitam sobre a relação verbovisual e injetando criticidade à supremacia imagocêntrica da atualidade.

Além disso, o livro trata de temas universais e caros a leitores de todas as idades: relações familiares que envolvem sentimentos paradoxais, como amor, ódio, desejo e vingança, entre outros. Especialmente aos jovens leitores do Novo Ensino Médio, a relação complicada, pautada nas disputas e diferenças entre os irmãos gêmeos, pode gerar aproximações — seja pela semelhança ou diferença — e possibilidades de ressignificar valores familiares.

Com a mediação do professor, a obra pode contribuir efetivamente para a formação leitora do estudante, potencializando competências desenvolvidas ao longo dos anos escolares e que focam no autoconhecimento e na resolução de conflitos internos ou exteriores. Nesse sentido, recomenda-se direcionar olhares que desnudem a complexidade das emoções e das relações humanas num livro que busca pela essencialidade do preto no branco. Embora não haja cores para distrair o olhar, essa falta de cor ao longo de todo o volume também faz com que os elementos se confundam na narrativa — desse modo, demorar-se sobre os quadros se torna uma das demandas dessa leitura. Ou seja, o livro pede uma leitura atenta, que não perca elementos imprescindíveis ao enredo, como os quadros que se repetem ao longo do livro e que estão ali para mostrar os retornos memorialísticos do narrador.

A leitura compartilhada, com pontos de parada para discussão e remissão aos fatos anteriores, permite que o leitor perceba a construção espaço-temporal dessa narrativa: o espaço tanto nos quadrinhos como na história narrada, além do movimento natural da vida, que consiste em um ir e vir entre o presente, passado e futuro no mesmo espaço em que nos encontramos.

A leitura compartilhada acontece quando o professor lê e os estudantes seguem com o livro em mãos. É uma leitura que requer atenção do estudante ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e promove a autoimagem do leitor.

A construção do narrador deve ser o foco principal dessa leitura porque é ele o responsável pela organização dos eventos na narrativa. Assim, neste manual privilegiaremos a figura do narrador.

Nesse sentido, a proposta de trabalho com *Dois irmãos* está ligada especialmente às seguintes competências e habilidades da BNCC:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários [a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.] para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a leitura do romance gráfico *Dois irmãos*, sugerimos uma discussão que sensibilize os estudantes para o universo ao qual adentrarão na leitura: o espaço híbrido entre o físico (a cidade de Manaus) e o interior das personagens, que se fundem na imagem da casa, palco do conflito entre os irmãos e imagem emblemática da degradação da família e da transformação de Manaus. Esse espaço ganha complexidade no gênero romance gráfico, que, mesmo sendo uma arte sequencial, devido à sua disposição gráfica convoca o olhar à simultaneidade dos eventos retratados.

Pensando nisso, recomendamos iniciar o trabalho de pré-leitura com a análise do poema “Liquidação”, de Carlos Drummond de Andrade, o qual aparece como epígrafe na obra original de Milton Hatoum e foi suprimido na versão dos irmãos Moon e Bá.

*A casa foi vendida com todas as lembranças
todos os móveis todos os pesadelos
todos os pecados cometidos ou em via de cometer
a casa foi vendida com seu bater de portas
seu vento encanado sua vista do mundo
seus imponderáveis
por vinte, vinte contos.*
(ANDRADE, 2017, p. 140)

Embora não conste na versão em quadrinhos, o poema pode gerar um excedente de sentido importante para pensar a casa como imagem cronotópica, ou seja, aglutinadora de tempo e espaço, pois é lá que acontecem os dramas — exteriores e interiores às personagens — e que se entrelaçam os tempos do presente e do passado, resgatado pela memória.

Mikhail Bakhtin (1998, p. 355) chama de *cronotopo* o elemento textual em que “os nós do enredo são feitos e desfeitos”. Os cronotopos se associam à “grande temporalidade”, ou seja, à simultaneidade com a qual somos “inclinados a reconstruir a atualidade (o presente) segundo uma linha vertical que sobe e desce” (idem, p. 264), de modo que passado, presente e futuro movimentam-se simultaneamente em torno de uma imagem — a casa, no caso deste romance.

Seria interessante apresentar o poema na lousa, primeiramente sem o título e o verso final (“por vinte, vinte contos”), que é exatamente como ele figura na versão original do livro *Dois irmãos*, e deixar que os estudantes comentem suas impressões: de qual tipo de casa Drummond está falando? Alguém já passou por essa experiência? Como se sentiram ou, provavelmente, se sentiriam ao vender uma casa assim?

Depois que os estudantes se posicionarem, apresente o título e o verso final. Uma casa assim tem preço? Pode estar em liquidação? Se você achar que vale a pena, poderia contrapor ao poema algum anúncio de venda de casa para que eles percebam que, mais do que a construção física, o que o poema está pondo à venda são experiências de vida. É possível vender as lembranças? Sugestão de anúncio:

Vendo Sobrado: 03 Dormitórios 01 suíte 02 vagas a poucos metros da estação Autódromo da CPTM. Imóvel com 3 dormitórios sendo uma suíte com sacada, ampla sala para 2 ambientes com bar em alvenaria, acabamentos em granito e assoalho em madeira nobre ipê, piso superior revestido em laminado, entrada social, ampla cozinha com área para dispensa, lavabo e quintal com área de serviço. Garagem coberta para 2 veículos. Excelente localização, próximo ao comércio local, como: padaria, farmácia, açougue etc.

No poema, merece ser destacado o significado da palavra *imponderável* como aquilo que não pode ser avaliado. Então, conversem amplamente sobre isso, pois é provável que haja vivências muito distintas entre os estudantes, de modo que é importante valorizar aqui todas as experiências relatadas. Essa é uma oportunidade para mergulharem no espaço da intimidade e refletirem sobre as relações entre esses elementos subjetivos e a fisicalidade da casa: a casa poderia afetar as relações entre as pessoas ou influenciar o estado de espírito de uma pessoa? As pessoas e as relações vivenciadas entre elas poderiam afetar uma casa? E será que pessoas são como casas? O que guardam dentro? Podem desmoronar? Ser vendidas, abandonadas, receber outras pessoas, ser reconstruídas?

Você pode contar que Drummond está fazendo poesia a partir de um acontecimento verídico, pois sua família teve de se mudar e o pai vendeu tudo, a não ser uma mesa, que ficou para sua irmã. Vale a pena, também, ouvir com a turma o poema “Liquidação” musicado pelo cantor e compositor brasileiro Belchior (1946-2017), uma vez que trataremos de uma obra adaptada e Belchior também verteu um poema para uma nova linguagem, que é a da música (o CD se chama *As várias caras de Drummond*. Editora Caras, 2004). Portanto, seria oportuno perguntar sobre as impressões sobre essa nova configuração da obra, caso seja possível apreciar a música: o que sentem com a mudança? A música os agrada? Com qual das formas se identificam mais?

Você é a melhor pessoa para avaliar se é possível entrar em questões mais específicas com a turma, pois, devido à diversidade do público escolar, alguns estudantes podem ser mais arredios ou inseguros de falar sobre sua intimidade: o mais importante é deixá-los à vontade para responder se quiserem. Com quem vocês dividem a casa? Como é viver só ou com tantas pessoas junto? Como é

a relação com seus pais ou com seus filhos? Vivem com irmãos? São filhos únicos? A casa funciona como lugar de união ou de distanciamento?

Após a roda de conversa, peça aos estudantes que escrevam uma “Lista dos Imponderáveis da Casa”, ou seja, daquilo que guardam em casa e não há como avaliar em termos financeiros (aqui cabe tudo que consideram em termos positivos ou negativos). Os que se sentirem inspirados podem escrever um poema a partir dessa lista, mas isso não precisa ser obrigatório.

Ao final, pode-se apresentar a obra que será lida. Demore-se um pouco na capa, que retrata a relação de semelhança e diferença entre os irmãos gêmeos: o que os assemelha? O que os diferencia? O que essa diferença (cicatriz e cor) sugere acerca das personalidades? Essas respostas devem ficar em suspenso, pois serão respondidas ao longo da leitura. Aqui também é importante chamar a atenção para o nome de Milton Hatoum, que aparece no canto superior esquerdo, e falar da existência de uma obra original, que inspirou esta adaptação em quadrinhos.

LEITURA

OS ESPAÇOS NA E DA OBRA

Ao iniciar a leitura propriamente, é bom demorar-se nas primeiras páginas em que temos somente a linguagem visual. Esse é um bom momento para começar uma discussão sobre as especificidades mais gerais do romance gráfico e, dentro delas, algo ainda mais específico a esse livro: a redução das cores ao preto e branco.

Provavelmente, todos os estudantes, em algum momento, já tiveram contato com a leitura de histórias em quadrinhos, de modo que será natural perceberem que se trata de uma arte sequencial. E há vários aspectos que interferem nessa sequencialidade, como a tipografia, os balões, as cores, os traços — tudo isso diz muito sobre as personagens e a própria atmosfera da cena. Em vista disso, nem sempre nossos olhos seguem a leitura linear proposta nos textos originalmente verbais — da esquerda para a direita, de cima para baixo. Primeiro, algo sequestra o olhar e vemos o todo a partir dele para só depois refazermos o percurso sequencial proposto no primeiro quadro.

Além disso, autores como Will Eisner dão atenção especial para a primeira página de uma narrativa gráfica, pois ela tem a função de prender a atenção do leitor e prepará-lo para o que virá. No caso deste livro, isso já ocorre na capa e também na folha de rosto, que repete as informações de texto da capa, porém com a imagem da cidade de Manaus. Essa leitura é muito significativa, pois se a capa colorida apresenta o drama interior entre os dois irmãos, a página de rosto em preto e branco exterioriza o drama para a cidade — espécie de cartão-postal no qual se percebe sua multiplicidade e idiossincrasias —, avolumando a expectativa para entrarmos na primeira página “oficial” da narrativa. Nela há duas imagens que, não fossem as anteriores, provavelmente não chamariam a atenção: o céu seguido da parte superior de um barco. Ao virar a página, vemos outra parte do barco, depois parte de um prédio, e então parte de uma praça; na página seguinte, uma esquina e voltamos aos prédios, igreja e assim sucessivamente até encontrarmos Zana.

Aqui, importa fazer com que os estudantes percebam o movimento do corpo na leitura: da visão da cidade abaixo da página (p. 6) os olhos se erguem para a imagem do céu e deslizam para o barco; ao virar a página os olhos podem se deter em qualquer dos quadros, fazendo a leitura de cima para baixo e na vertical, entrando na página seguinte, pois não há nada que oriente a leitura. Tudo são cortes da paisagem, ou de detalhes. Isso simula nosso olhar quando estamos andando na rua e focalizamos uma coisa ou outra no plano geral.

Essas páginas que antecedem a entrada no texto verbal servem como convite ao primeiro espaço: a cidade de Manaus do século xx, que inicia com o chamado ciclo da borracha na região amazônica, o qual trouxe forasteiros em busca de riquezas ou melhores condições de vida, devido às crises econômicas e sociais pela Europa e Oriente Médio, entre eles os sírio-libaneses. Em 1920, cerca de 50 mil imigrantes árabes e libaneses, devido aos embates étnicos no Oriente Médio, estabeleceram-se em São Paulo e na região amazônica, prósperas por conta da economia cafeeira e gomífera.

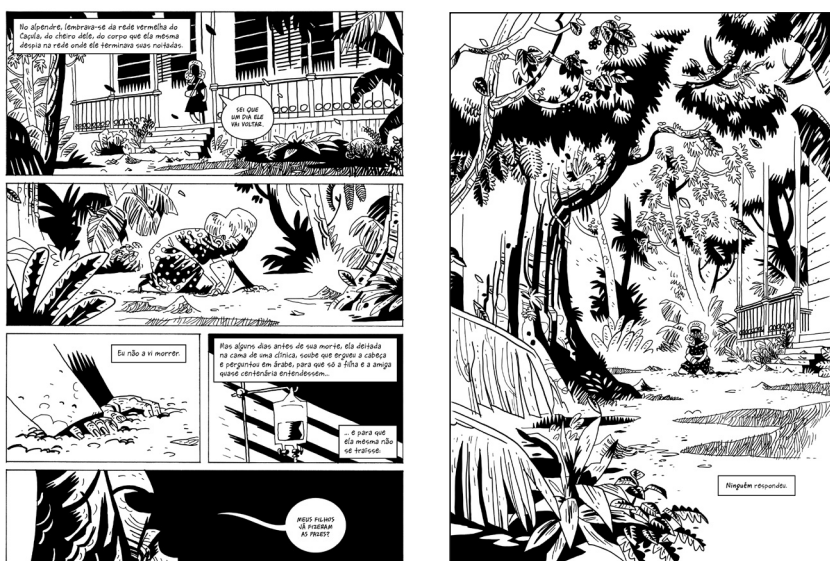
O segundo espaço é a casa habitada pelos fantasmas e pelas lembranças de Zana. Durante a leitura compartilhada, os estudantes perceberão que se trata do epílogo do livro, pois o capítulo 1 ainda está à frente. Dessas páginas iniciais, muito pode ser questionado acerca dos procedimentos explorados pelos autores: por que não usar cores para retratar a exuberância da cidade de Manaus? Por que o rosto de Zana parece estar deformado? Qual é o motivo de o quadro ocupar a página inteira antes de entrar no capítulo 1?

Tudo isso tem explicação no gênero literário escolhido para contar a história de Milton Hatoum, no entanto, é importante deixar os jovens expressarem livremente suas impressões e hipóteses disso. Assim, depois que tiverem falado sobre o que acham, você pode explicar que o uso ou não das cores tem efeito sobre o significado da história. Para Scott McCloud (1995), as histórias em preto e branco comunicam suas ideias de forma direta, enquanto as cores acabam intensificando ou objetificando o que é subjetivo, aproximando os quadros da realidade. Mas ele mesmo diz que o leitor de quadrinhos nem sempre busca a realidade, de modo que o preto e branco, embora exija muito mais criatividade dos autores, traz seriedade para a narrativa. Desde aí, podemos entender o porquê de a imagem da personagem Zana parecer deformada: se as cores falam muito sobre as sensações e os sentimentos, sem elas é preciso deformar o rosto para demonstrar o que se passa em sua subjetividade. Haverá muitos momentos em que esse recurso será adotado na narrativa. Além disso, o preto e branco ajuda na elaboração da seriedade de uma história que é cheia de sombras: sombras do passado, sombras da vingança, sombras do segredo. É entre o claro e o escuro que o segredo se esconde.

É importante também destacar como os quadros podem se abrir em diferentes planos: abertos, principalmente quando o destaque é para o cenário; planos médios; planos-detelhe, quando quer se enfatizar uma emoção; quadros horizontais, quadros menores sobrepostos. Veja como isso acontece no abraço de chegada de Yaqub:



Esses diferentes procedimentos na construção dos quadros servem para acelerar ou reduzir a velocidade da narrativa, mas também para fazer com que vejamos o que os autores querem. Nas imagens abaixo, os quadros horizontais dão destaque a Zana; nos pequenos sobrepostos, rápidos acontecimentos; no plano geral vazado, o tamanho da personagem em relação à solidão que a atravessa.



O TEMPO NA NARRATIVA E O TEMPO DA LEITURA

Uma vez que tiverem lido o epílogo, que se encontra na abertura da narrativa, recomenda-se continuar a leitura compartilhada do capítulo 1, de modo que os estudantes se revezem lendo para

que você possa explicar os procedimentos que diferenciam a fala do narrador e das personagens. A fala do narrador sempre estará em um quadro, ou solta na página, já a fala das personagens necessariamente aparecerá em balões.

Nesse romance gráfico, você vai perceber o privilégio da imagem em relação ao texto. Há muitos quadros apenas com imagens e os textos estão em letras pequenas e frases sucintas, o que vai exigir uma leitura com longas pausas para que o olhar apreenda o que dizem as imagens. Parece algo simples, mas é preciso ensinar o corpo a ler o romance gráfico demorando-se nas imagens. Para o professor, é um exercício ainda mais complexo porque ele precisa estar atento aos estudantes desde o virar da página, o deslizar dos olhos no tempo de cada quadro, para que só então seja lido o texto verbal. Esse ritmo na leitura é muito importante para apreensão dos sentidos.

A ausência de qualquer diálogo para reforçar a ação serve para demonstrar a viabilidade de imagens extraídas da experiência comum [...]. As imagens sem palavras, embora aparentemente representem uma forma mais primitiva de narrativa gráfica, na verdade exigem certo refinamento por parte do leitor [ou espectador]. A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do autor. (EISNER, 2010, p. 20)

O capítulo inicial é sobre a chegada de Yaqub à casa. É possível destacar e aprofundar aqui o aspecto temporal da narrativa: o tempo não segue um fluxo contínuo, ele é feito de idas e vindas. Não à toa, o epílogo deslocado para o início apresenta o futuro da narrativa e, nele mesmo, já vemos Zana morrer num quadro e, no seguinte, estar viva. Esse tempo fluido — que é o tempo da narração — vai ficando ainda mais evidente no percurso de Yaqub à casa, ou no abraço de encontro com o pai, no qual se abre uma fenda para outro tempo no passado — desse passado que nos está sendo contado. Nessa fenda, somos apresentados às personagens ainda crianças e à família sentada ao sofá, e depois já adultos, em torno da mesa.





O sofá e a mesa representam o microcosmo da casa e, respectivamente, a união e desunião familiar. A casa, portanto, é o centro agregador e desagregador da família e podemos acompanhar os devaneios do narrador ao deslizar pelos espaços dela, assim como testemunhar a deterioração de ambas — casa e família — no decorrer da narrativa.

Gaston Bachelard salienta a relevância desse espaço:

Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é como a alma. É o primeiro mundo do ser humano. (1989, p. 201)

A questão temporal é muito importante em *Dois irmãos* e o leitor precisa ficar atento, pois diferentes temporalidades se intercalam nos quadros que vão contando, aos poucos, como se deu o distanciamento entre os gêmeos. Na multiplicidade dos traços, o preto e branco confunde nosso olhar e acaba materializando a confusão à qual somos expostos quando ficamos frente a frente com os gêmeos e não sabemos direito quem é um e quem é outro. Somente atentos aos detalhes podemos perceber diferenças, como a mais visível entre elas: a cicatriz.



Esse é um quadro que introduz uma pergunta na narrativa: quem está nos contando essa história? A pergunta ficará ainda sem resposta, mas poderia passar despercebida caso não fosse destacada na leitura compartilhada. Então, procure manter acesa essa dúvida, que concentra o segredo ao redor do qual gira a narrativa.

Então, você pode voltar à questão temporal: o quadro anterior é exemplar do procedimento de construção do tempo, pois se repetirá algumas páginas adiante com a mesma imagem, porém com outro texto verbal. Imagens assim, que se repetem, fixam pontos estratégicos para ajudar o leitor a percorrer um tempo pautado num conjunto de memórias — do narrador e de outras personagens ouvidas por ele.



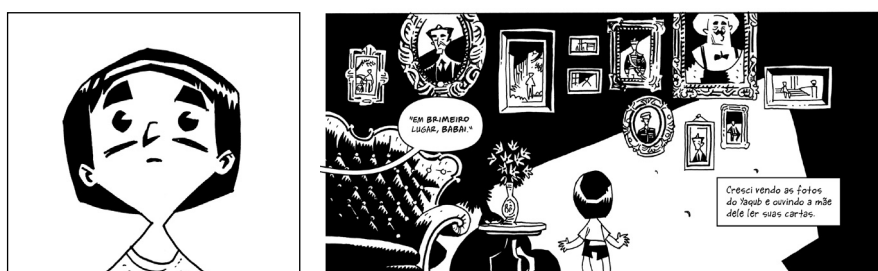
Como o quadro que fixa os dois irmãos no tempo, o quadro do sofá também se repetirá no capítulo final do livro, ao modo de uma fotografia sobre a qual o discurso verbal desliza, trazendo, a depender do momento em que a evocamos no tempo, uma informação que se esgueira e esconde entre as imagens estáticas.



Outra forte marca temporal na narrativa é a cicatriz de Yaqub feita pelo irmão Omar. Ela condensa um tempo-espaço forte que muda toda a vida das personagens para a frente e para trás na história, a partir desse acontecimento. O corte feito pelo irmão Omar numa briga por ciúme de Lívia vai estabelecer um corte na relação, afinal é a partir desse episódio que Yaqub será mandado ao Líbano, de onde só voltará cinco anos depois para ir embora novamente. Como se vê, nos quadros a seguir a cicatriz é representada pela cor que transborda escurecendo todo

Hatoum, o narrador se mantém misterioso até quase os últimos capítulos; já neste livro dos irmãos Moon e Bá isso foi algo que precisou de mudanças, pois a narrativa visual não permitiria que uma figura tão presente se ausentasse por tanto tempo e, por isso, o narrador se identifica logo no início do terceiro capítulo. Vale a pena destacar essa informação, porque a versão gráfica se mantém bastante fiel à narrativa originalmente verbal, foram feitas pouquíssimas alterações substanciais como essa.

Então, sugerimos que o capítulo 3, que gira em torno do narrador, seja lido em conjunto na sala de aula. Nele, pode-se discutir o foco narrativo que está sob responsabilidade de Nael, um narrador observador que reconstitui a história da família em busca de sua própria origem. Como Nael não é onisciente e tem um conhecimento parcial da história, os leitores também nunca saberão tudo, apenas o que ele sabe e nos conta.



Nos quadros acima, temos o destaque para Nael, que olha para o leitor de frente, em um quadro sangrado — como a mostrar que sua presença como observador dessas relações familiares estará em toda parte. Alguns quadros depois, ele aparece de costas olhando para as fotografias na parede. Mais uma vez, a fotografia aparece como esse suporte que sustenta o tempo colado às paredes da casa e funciona como uma espécie de portal para acessar as lembranças.

Outro momento que merece destaque na leitura é quando Nael inquire Domingas, sua mãe, sobre sua história.



É interessante observar os planos do quadrinho: é como se uma câmera deslizesse buscando diferentes ângulos para construir a atmosfera de mistério que rondará o segredo de Domingas. Segredo que estará sempre no risco de ser e não ser revelado.

Ainda no capítulo 3, um ponto de luz se faz na escuridão dos quadros: seria Yaqub o pai de Nael, o narrador?



Mas a solução para o mistério é proposta e, ao mesmo tempo, retirada. Como? Destaca-se nos quadros escuros o texto verbal indiciando que Yaqub seja o pai de Nael, mas no quadro claro o texto verbal mantém e reafirma em palavras as sombras projetadas no menino. Esses deslizamentos e cruzamentos é que dão vida à narrativa e dinamismo aos quadrinhos.

Mesmo quando o segredo parece se revelar no capítulo 10, a declaração de Domingas é ambígua. Sabemos que ela foi estuprada por Omar e que ele nunca foi responsabilizado, mas não sabemos se ela manteve relações sexuais consentidas com Yaqub. Ela mesmo nada diz de consistente, embora isso fique sugerido. Aqui, é muito importante problematizar a questão do estupro e as relações de poder que, muitas vezes, obrigam as mulheres a ficarem caladas sobre o fato. Embora essa seja uma breve passagem no livro, esse evento é fundante da narrativa, pois pode estar relacionado à paternidade do narrador. É recomendável, portanto, abrir uma roda de conversa sobre o tema e a “cultura do estupro” na sociedade brasileira, discutindo casos recentes abordados pela mídia, assim como movimentos e formas de denúncia existentes.





Uma vez tendo feito esse acompanhamento na leitura, apontando os procedimentos estéticos e destacando elementos que são importantes para a construção dos sentidos, já é possível recomendar a leitura autônoma do texto, se possível em horário destinado à aula. Essa leitura pode ser feita na sala de aula ou em lugares agradáveis na escola. O importante é cuidar de, a cada retomada da leitura, apontar os pontos mais significativos do romance gráfico.

No capítulo 4, por exemplo, é importante destacar que a questão principal gira em torno do desejo: o comportamento libertino de Omar, a sensualidade das mulheres, os sentimentos paradoxais da mãe pelo filho, o despertar da sexualidade do narrador. Isso tudo será trabalhado em palavra e imagens.

Seria interessante voltar os quadros sobrepostos de Dália dançando e os recursos empregados para criar movimento à cena (p. 97).



Ou ainda ao momento em que Nael, menino, sente os primeiros arrepios junto ao corpo de Rânia (p. 93). O quadro será retomado no capítulo 8, quando, adulto, relaciona-se sexualmente com ela (p. 175).

Para direcionar e tornar mais efetiva a leitura autônoma da obra, ao final de cada capítulo sugerimos que, juntos, professor e estudantes deem um título e elaborem um breve resumo dos acontecimentos narrados. Essa produção será retomada nas atividades de pós-leitura.

PÓS-LEITURA

Ao final da leitura compartilhada de *Dois irmãos*, sugerimos uma atividade que dialogue com o processo de construção realizado pelos irmãos Moon e Bá a partir da linguagem verbal do original de Milton Hatoum. Para isso, é interessante ler dois comentários dos autores sobre o processo.

Quando nos convidaram para adaptar o *Dois irmãos*, vimos que tínhamos uma grande história nas mãos, mas isso não era garantia de uma boa HQ. [...] Foram várias leituras do livro, escrevemos três resumos da história até ter todo seu universo interiorizado, o drama de cada personagem, tudo pronto para começar a fazer escolhas, mudar coisas e realmente escrever o roteiro da nossa HQ. Junto com as várias releituras do livro, usamos uma técnica de roteiro que aprendemos no livro *Story*: substância, estrutura, estilo e os princípios de escrita de roteiros, do Robert McKee (Arte & Letra Editora, 2006), chamada de Step-Outline [trata-se de uma descrição passo a passo: relato detalhado de uma história com a intenção de transformá-la em roteiro para filme.], onde o roteirista escreve um resumo de cada cena em um cartão, produzindo assim vários cartões, a fim de organizar suas ideias visualmente, ordenar sua história, mudar coisas de lugar. Começamos agrupando várias cenas por cartão, fomos estreitando, dividindo em momentos menores e mais pontuais. Acabamos com 37 cartões [...]. (BÁ; GABRIEL, apud ALMEIDA, 2016)

Achei um trabalho excepcional. O projeto todo durou cerca de quatro anos e eles souberam dar um ritmo impressionante à história. Ela tem uma cadência única, muito semelhante à do texto

original, do qual eles mantiveram muitas coisas, inclusive diálogos. Obviamente que houve um processo de adaptação, mas ela foi feita de forma fidedigna que muito me agradou [...]. Impressionante a combinação de imagens e palavras que os irmãos deram à obra, não imaginei ser possível. A harmonia entre elas é sentida a toda hora e a sequência de quadros frui como os capítulos da obra original. (HATOUM, apud ALMEIDA, 2016)

Com base nesses depoimentos, seria interessante orientar os estudantes que o trabalho de adaptar uma narrativa verbal para uma narrativa gráfica passa necessariamente pela escrita, pois é a linguagem verbal que ajuda a organizar os pensamentos. Quanto maior o domínio dessa modalidade de linguagem, maior nosso poder de comunicar, detalhar aquilo que é da ordem dos pensamentos, da imaginação e das emoções, para depois tornar imagem ou qualquer coisa que se queira.

Pensando nisso, a proposta de pós-leitura é transcrever os quadrinhos do livro *Dois irmãos* para a linguagem verbal. Essa atividade justifica o foco dado ao narrador no romance gráfico, pois, familiarizados com ele, os estudantes poderão assumir a narração.

Para isso, uma Oficina de Escrita Criativa pode ser organizada com o objetivo de construir uma “casa” de palavras, ou seja, um texto que possa abrigar as imagens dos quadros. Uma sugestão é lerem o início do livro original e compará-lo com as páginas iniciais do romance gráfico, observando como são narrados, verbalmente e com riqueza de detalhes, os quadros nos quais não há palavras (p. 5-8); além das mudanças de ordem entre o que é apresentado nos quadros e na narrativa verbal.

Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século.

Perto do alpendre, o cheiro das açucenas-brancas se misturava com o do filho caçula. Então ela sentava no chão, rezava sozinha e chorava, desejando a volta de Omar. Antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos das últimas noites, depois sentia a presença de ambos no quarto em que haviam dormido. Durante o dia eu a ouvia repetir as palavras do pesadelo, “Eles andam por aqui, meu pai e Halim vieram me visitar... eles estão nesta casa”, e aí de quem duvidasse disso com uma palavra, um gesto, um olhar. Ela imaginava o sofá cinzento na sala onde Halim largava o narguilé para abraçá-la, lembrava a voz do pai conversando com barqueiros e pescadores no Manaus Harbour, e ali no alpendre lembrava a rede vermelha do Caçula, o cheiro dele, o corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noitadas. “Sei que um dia ele vai voltar”, Zana me dizia sem olhar para mim, talvez sem sentir a minha presença, o rosto que fora tão belo agora sombrio, abatido. A mesma frase eu ouvi, como uma oração murmurada, no dia em que ela desapareceu na casa deserta. Eu a procurei por todos os cantos e só fui encontrá-la ao anoitecer, deitada sobre folhas e palmas se-

cas, o braço engessado sujo, cheio de titica de pássaros, o rosto inchado, a saia e a anágua molhadas de urina.

Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com a coragem que mãe aflita encontra na hora da morte.

Ninguém respondeu. Então o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular. (HATOUM, 2000, p. 7)

Depois da leitura, pode-se dividir a sala em grupos: cada um trabalhará a escrita de um capítulo. Retome os títulos dados aos capítulos, pois eles podem ser utilizados aqui, junto com os resumos. Obviamente, haverá diversidade com relação à linguagem empregada pelos estudantes nas versões criadas por eles, porém a unidade será dada pelo foco narrativo baseado na personagem Nael. Oriente-os a manterem nos textos os trechos da narração e as falas das personagens, criando tudo o mais que gira em torno deles.

O compartilhamento das produções pode ser trabalhado interdisciplinarmente, conforme proposto a seguir.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS: ARTE

COMPETÊNCIA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

PRÉ-LEITURA

Sugerimos um trabalho interdisciplinar com as aulas de língua portuguesa no qual os estudantes criarão pôsteres para divulgar os capítulos que escreveram. O objetivo dessa proposta é condensar em linguagem visual a linguagem verbal que eles expandiram em relação aos quadrinhos.

Para isso, você pode iniciar apresentando outra adaptação da obra: a minissérie televisiva *Dois irmãos*, produzida pela Rede Globo (2017), escrita por Maria Camargo e com direção artística de Luiz Fernando Carvalho. Se achar adequado, vejam a chamada dando especial atenção para a fotografia: www.youtube.com/watch?v=di30FTxBcDo (acesso em: 25 maio 2026).

Nessa proposta, o foco é o estudo da arte fotográfica e sua importância na produção dos roteiros, tanto para os quadrinhos como para o cinema. Você pode direcionar esse estudo a partir de seu interesse nessa prática artística, pois o mais importante aqui será associá-la aos quadrinhos e à condensação de uma mensagem.

LEITURA

Seria importante refazer a leitura do livro, agora com foco nos momentos em que o narrador observa as fotografias na parede, ou de outros momentos em que essa linguagem é recuperada para contar a história. Há muitos quadros que trazem referências de fotografia ao longo do livro.

Sugerimos o quadro abaixo (da p. 57) para pensarem na composição fotográfica: o que está em destaque? Quais elementos são acessórios? Essas são algumas perguntas, entre outras, que podem ser discutidas sobre a montagem em uma fotografia:



PÓS-LEITURA

Com base nessa troca de ideias sobre fotografia, os estudantes voltam aos grupos em que trabalharam a versão dos quadrinhos para o texto verbal e produzirão um pôster de divulgação do mesmo capítulo. Eles vão produzir a foto, ou seja, montar uma cena e tirar uma fotografia. Como base, podem pesquisar como é esse tipo de peça de divulgação (esses pôsteres, assim como outras fotografias que dariam ótimos pôsteres, podem ser facilmente encontrados se pesquisados em ferramentas de busca na internet procurando pela minissérie).

De novo em seus grupos, os jovens vão reler o texto que criaram, imaginar e produzir uma cena que condense o sentido desse capítulo. É importante orientá-los a primeiramente esboçar a fotografia num papel, antes de fotografar. É como se fizessem o esboço de um quadro que, depois, será produzido pelos estudantes. Importa ajudá-los a pensar o cenário, os estudantes que farão as personagens, o vestuário — muitos detalhes devem ser levados em conta nessa produção.

Depois de produzida, a fotografia pode ser trabalhada com filtros e outras formas de construção de efeitos estéticos em aplicativos de celular. Quando tudo estiver feito, deve-se passar para a etapa da construção do pôster propriamente. Há soluções gratuitas com vários modelos que poderão ser selecionados pelos estudantes, basta que façam uma pesquisa na internet procurando por expressões como “criar cartaz”.

Com essa proposta de transcrição interartes do texto literário para a linguagem fotográfica, destaca-se a importância do ensino da literatura aliado ao aprendizado das múltiplas linguagens como a fotografia e o ambiente multimídia:

[...] a transcrição como metodologia para o ensino da leitura/literatura funciona em duas vias: de um lado aponta os procedimentos construtivos do texto verbal, uma vez que é necessário captar como nele se constrói o sentido; de outro, desnuda os procedimentos de construção do

texto visual (fotografia) devido à necessidade de transitar para esse novo suporte. Esse trânsito requer e, por isso, desenvolve múltiplas habilidades desde a simples fruição, passando pela análise interpretativa, pelas técnicas de composição, conhecimentos intersemióticos, compreensão dos diferentes suportes bem como de intertextualidades; tudo isso, enfim, apreendido de modo natural e, portanto, prazeroso. (ALMEIDA; CATTO, 2010, p. 3)

Para ver como foi a produção de um projeto de transcrição interartes do texto literário para a linguagem fotográfica, visite: www.youtube.com/watch?v=wuJsjgfbsY&t=156s (acesso em: 25 maio 2026). Trata-se do registro da proposta apresentada no artigo citado acima, de Geruza Zelnys Almeida e Fernando Gregório Catto em uma turma de Ensino Médio.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: HISTÓRIA, GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

HABILIDADE

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos [Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.].

PRÉ-LEITURA

A proposta de um trabalho interdisciplinar com a obra *Dois irmãos* e as aulas de língua portuguesa tem como objetivo lançar um olhar mais apurado para a cidade de Manaus e a Amazônia representada na obra. Esse olhar para a cidade, a ser trabalhado pelo professor de Geografia com base nos temas curriculares sobre o espaço, a natureza, bem como sobre as formas de ocupação pela população, pode ser enriquecido pelas aulas de História e Sociologia a fim de aprofundar como foi o processo migratório, a ascensão e degradação da cidade, bem como explorar as referências à ditadura que atravessam a narrativa. Esses professores podem, interdisciplinarmente, a fim de apontarem esses aspectos, focar o exterior e o interior da casa na qual se concentram os conflitos familiares.

LEITURA

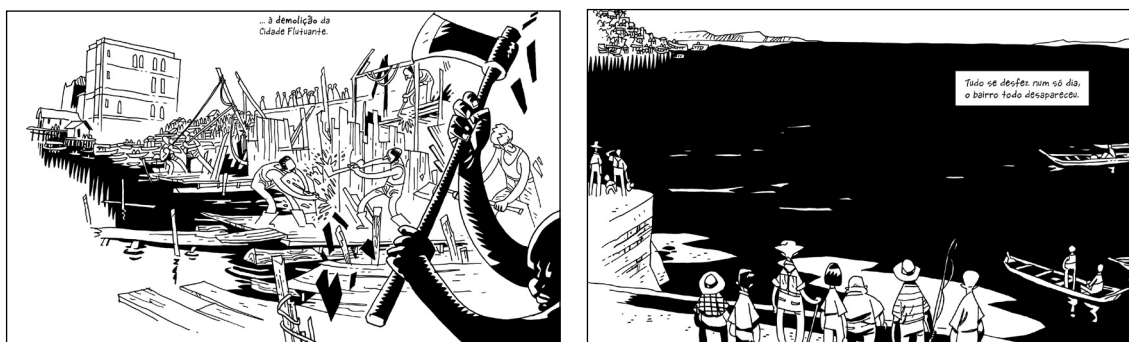
Retomar a leitura do livro, ou seguir durante a leitura feita nas aulas de língua portuguesa, destacando aspectos como o não pertencimento e a tentativa de habitar uma casa e fincar nela essas raízes impossíveis: seja a dos estrangeiros, que migram do Líbano, país longínquo, de língua e cultura diferentes; seja de Domingas e os demais curumins, inclusive o narrador, que precisam sair de suas comunidades, serem educados e “civilizados” (catequizados e receberem educação formal) em nome do progresso.

Convém destacar a representação da capital amazonense, os apagões que também inundam a casa de escuridão, o branco e preto que colabora para uma visão menos ufanista da floresta amazônica, revelando-a também como fonte a ser explorada no desenvolvimento urbano.

Sugerimos a leitura do fragmento a seguir para destacar as relações espaciais na obra, e em seguida uma leitura atenta dos quadros sobre a destruição da Cidade Flutuante (último quadro da p. 177 e último quadro da p. 178).

Começamos pela cidade. Conforme a narrativa de Nael acompanha o esfacelamento das relações na família de libaneses, somos levados, pelo seu olhar, a observar uma certa cidade a se desfazer também. A chegada da parafernália moderna altera uma série de quadros. Sem nenhuma sombra de saudosismo, o que está à frente de nossos olhos é o soterramento de formas de espacialização tomadas por subalternas, tais como a Cidade Flutuante, que percorremos juntamente com Halim, em seus passeios. Trata-se de um aglomerado de casas erguidas sobre toras que, por alguns anos, constituíram um verdadeiro bairro de Manaus e que, por conta de medidas

públicas — estéticas, sanitárias e de segurança — naufragou. Um bairro que desapareceu. Desapareceram com o bairro, para ser correto novamente. No romance, a agonia de Halim, já em sua velhice, refugiado no último, roto e pequeno espaço que lhe resta, nos altos da loja da família, corresponde ao afugentamento de toda uma história espacial da cidade, posta mais e mais em marginalidade. [LEÃO, 2006]

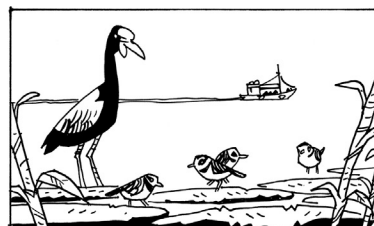
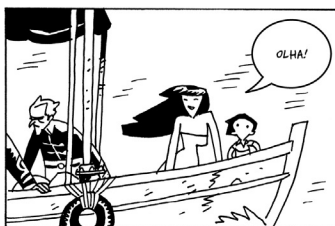


PÓS-LEITURA

A partir das discussões anteriores, pode-se pedir aos estudantes que se aprofundem na pesquisa dos temas de cada um dos seus componentes curriculares: História, Geografia e Sociologia. Por fim, devem selecionar um dos quadrinhos seguintes e escrever uma dissertação com argumentos baseados na pesquisa acerca desses temas discutidos pelos professores. A dissertação deve conter:

1. introdução ao tema selecionado;
2. desenvolvimento com base no recorte fornecido pelo quadro, com referências à obra e justificativa da seleção;
3. conclusão com proposta de transformação, melhoria ou questionamento sobre o tema tratado.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: FILOSOFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e en-

traves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

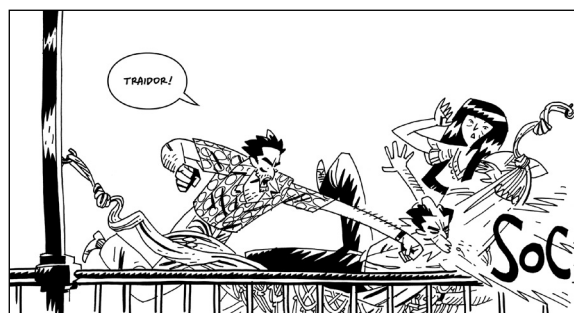
PÓS-LEITURA

Seria bastante oportuno se após a leitura de *Dois irmãos* as aulas de filosofia trouxessem um debate sobre os personagens Yaqub e Omar a partir do ponto de vista ético, com base na construção do caráter. Interessa destacar o que fica à mostra e o que vai se revelando aos poucos, em especial com relação a Yaqub, já que Omar é delineado pelo comportamento violento e agressivo com relação ao irmão. Já Yaqub, por ostentar a marca da agressão de Omar, tem aspectos de seu caráter dissimulados na aparência.



Ao analisar o caráter dos personagens, é inevitável a reflexão sobre ética, que faz parte do currículo e cuja discussão é sempre bem-vinda na sala de aula. Para isso, podem-se estabelecer diálogos proveitosos com Nicolau Maquiavel (1469-1527), que coloca como virtude política o oportunismo e a dissimulação, características imprescindíveis ao bom administrador.

No entendimento desse pensador, não é preciso ser aquilo que os outros esperam que se seja, nem ter todas as virtudes possíveis e imagináveis, todavia é importante parecer tê-las. Em Maquiavel, a bondade deve ser pensada a partir da simulação porque quem é bom está condenado à ruína — e é nesse sentido que a vingança de Yaqub sobre Omar pode ser lida à luz do pensamento de Maquiavel. Os quadros a seguir são exemplares para desenvolver a discussão:





Com base no desenvolvimento dessas ideias, o professor pode propor que, em grupo, os estudantes realizem:

- uma reflexão sobre a ética nas relações humanas;
- pesquisa nas redes sociais sobre candidatos a cargos políticos;
- análise de suas apresentações ao público;
- roda de conversa com discussão conjunta se os candidatos fazem ou não uso da dissimulação segundo Maquiavel.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Will Eisner destaca que, assim como no cinema, nas HQs os quadros são dispostos em sequência. Mas enquanto lá as imagens são sobrepostas em uma velocidade que imita a real, no meio impresso as imagens encontram um desafio, pois se submetem à fisicalidade da página:

[...] tal desafio, no entanto, não é uma desvantagem. Na verdade, ele proporciona aos quadros a singular possibilidade de permitir a leitura de várias imagens ao mesmo tempo, ou a partir de pontos de vista diferentes, algo impossível de reproduzir no cinema. (2010, p. 20)

Com esse desafio, portanto, *Dois irmãos* é um livro que contribui para a fruição e a formação leitora, tanto de jovens como de adultos, pois os coloca ante a experiência estética que impulsiona a compreensão intelectual sobre o saber sensível construído no movimento entre os múltiplos discursos e códigos reunidos no romance gráfico. Por isso, trazer esse livro para os jovens do Novo Ensino Médio é possibilitar uma experiência em diálogo com as marcas da atualidade, ampliando-a criticamente e dando profundidade à discussão em torno da dominante imagocêntrica dos produtos culturais contemporâneos.

Nessa multiplicidade, cumpre-nos destacar um aspecto que poderia passar despercebido aos estudantes caso não tivessem a mediação do professor: a história por detrás da história. Se fôssemos fazer um breve resumo de *Dois irmãos*, diríamos que é a história dos gêmeos Yaqub e Omar, que se odeiam devido a uma série de eventos familiares — entre eles uma briga na qual Omar fere Yaqub, que é mandado para o Líbano, onde viverá até os dezoito anos. Ao retornar a Manaus, Yaqub se vinga do irmão Omar enquanto a família se deteriora junto com a cidade.

No entanto, a história que sustenta esse enredo visível é na verdade a história — ou ausência da história — de Nael, o narrador, cuja narrativa de origem lhe foi negada. *Dois irmãos* é, portanto, a história de um narrador que escreve para dar forma aos eventos fundadores da sua narrativa pessoal. Possivelmente fruto de uma relação não consensual entre sua mãe, indígena tornada empregada da casa, com um dos gêmeos — o estuprador Omar —, haverá sempre um mistério sobre sua origem, mistério que se esgueira pelos não ditos, pois Domingas insinua que gostava de Yaqub e que Omar tinha ciúmes quando os via no quarto.

Enfim, a verdade é que lemos a história de alguém que não é o protagonista da própria vida. Nael é o representante de uma linhagem de personagens excluídos e marcados pela ausência de voz: especialmente do lado da mãe, indígena catequizada e socializada para servir de modo abusivo a seus patrões. A única vez que Nael ouviu da mãe algo sobre sua história, mesmo marcada pelo silêncio da forma lacunar, foi antes de ela morrer. Do lado do pai, temos personagens migrantes que, apesar de boa situação financeira, estavam também separados de sua cultura e por isso construíram uma casa na qual pudessem se sentir pertencentes.

Essa é uma discussão muito importante a ser feita com os jovens do Novo Ensino Médio,

que se encontram num momento de fortalecimento e busca por pertencimento e autonomia das próprias vozes. E não será difícil problematizar essas questões, pois esse enfrentamento é um movimento que temos visto na contemporaneidade: a busca por sua voz ou seu lugar de fala. É possível pesquisar movimentos que abordam essas minorias e autores que se identificam como periféricos ou marginais: a literatura escrita por mulheres, por negros, indígenas, LGBTQIA+, entre outros nichos que também se veem marginalizados como pessoas gordas, com deficiências físicas, entre outros que não cumprem a centralidade dominante.

Então o que faz Nael para encontrar uma voz e fazer-se ouvir por outras pessoas? Nael escreve.

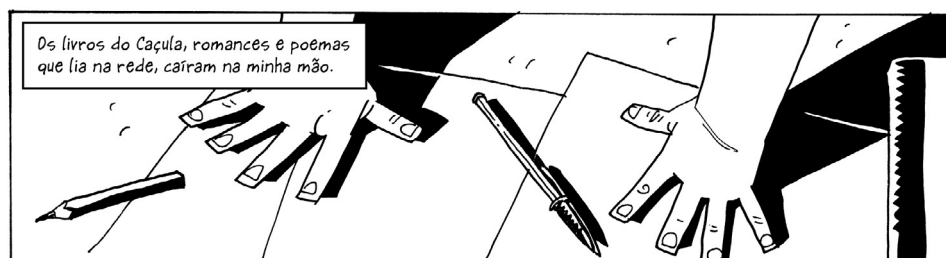
Quando encontramos Nael no futuro escrevendo sobre o passado, ele vive sozinho no quatinho dos fundos do casarão, o que reafirma que ele nunca pertencerá a essa família e à história que ele reconta. Seu lugar será sempre à parte, Nael estará sempre à margem na história dessa família na qual nunca foi devidamente reconhecido. Mas se ele não pode mudar essa situação, o que fará dela? A resposta é: literatura.

E o que é a literatura senão o lugar em que todas as vozes podem se juntar, inclusive as silenciadas, e se darem a ver, ou seja, se fizerem vistas e ouvidas? É o espaço da literatura que permite colocar uma lente sobre essas relações e ampliá-las de modo que, diante desse poder de inclusão, também ela esteja submetida às exclusões e à marginalização que ocorrem no macrocosmo social. Por isso, cumpre a nós, leitores atentos, desnudar esses aspectos e ouvir a voz que precisa ser ouvida, ou ainda identificar, reconhecer e legitimar a história que precisa ser contada.

Então é importante nos perguntarmos: qual é a história que queremos contar? Afinal não podemos ler o romance de Hatoum e o romance gráfico de Fábio Moon e Gabriel Bá e ficar apenas com o que nos é contado pelas pessoas ouvidas por Nael. Nós, leitores, temos uma dívida com esse narrador e precisamos contar sua história: a história de como Nael se tornou um escritor.

A CONSTRUÇÃO DE UM ESCRITOR

Se vimos, ao longo da leitura nas aulas de língua portuguesa, que Nael era um observador atento, além de um ótimo ouvinte de narrativas orais, seu contato com os livros começa no capítulo 4, se intensifica no 5 e vai tomando corpo nos demais capítulos.





É aqui que ele começa a receber algo como uma herança paterna: os romances e poemas lidos por Omar e os livros que Yaqub lhe trazia de São Paulo. A curiosidade pelas palavras parece ter sido despertada por Yaqub, porém é importante fazer uma associação entre curiosidade, desejo e sensualidade que marcam a escrita, uma vez que os livros e a literatura estarão sempre associados ao quarto e à rede, lugares intimistas nos quais ocorriam as relações sexuais.

A palavra escrita, seja presente nos livros, nas cartas e mesmo nos materiais de estudos, será o suporte para a construção das paternidades possíveis para Nael. De Yaqub, herda as histórias vindas de longe; de Omar, refaz os passos que ele mesmo, sedentário, deixou de trilhar.

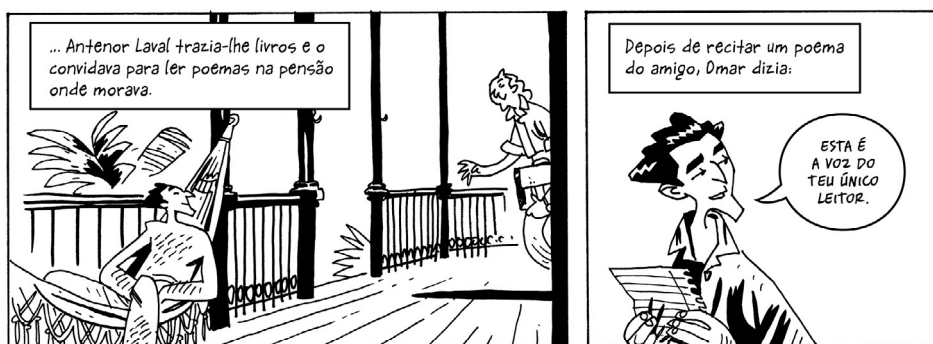




Podemos associar a formação desse narrador à origem do narrador oral sobre a qual se debruça Walter Benjamin, uma vez que Nael ouve as histórias contadas pelo avô e por outros familiares que comercializavam sem sair da cidade e as notícias que eram contadas por Yaqub nas cartas e a cada retorno de suas viagens:

Quem viaja tem muito que contar, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. (BENJAMIN, 1994, p. 198-9.)

Essas paternidades possíveis vão se fundindo no corpo de Nael, que se constituirá como herdeiro do rigor e da dedicação de Yaqub, mas também do desejo literário de Omar:



Os versos copiados por Nael — “*Je dis: Que cherchent-ils au ciel, tous ces aveugles?*” (Digo: que buscam estes cegos ver no céu?) — são do poeta francês Charles Baudelaire (1821-67), que inaugurou a poesia moderna, e ilustram a sensibilidade do narrador, mas também de Omar.



No quadro anterior, há uma relação visual forte entre a solidão de Yaqub estudando a gramática portuguesa no quarto e os quadros finais do narrador no quarto (p. 226), agora professor, executando seu ofício de escrever as memórias de Halim que darão corpo ao livro, mas também os textos de Antenor Laval, poeta e professor morto pela ditadura:



No quadro acima, vemos que a caneta com a qual está escrevendo este livro é a mesma que ganhou de Halim, seu avô ilegítimo, em sua maioridade:



É de Halim, portanto, que o narrador herda uma ancestralidade poética fundamental para o escritor que se tornará. Não podemos esquecer que são os gazais, poemas líricos de origem árabe, os responsáveis pela fundação dessa família, e é Halim quem os recita para conquistar Zana.

“Na literatura islâmica, os gazais são um gênero de poema lírico, de expressão mais breve do que a cásida, de forma leve, quase sempre dedicado a temas amorosos místicos, que surgiu no final do século VII.” Para mais informações sobre os gazais, ver o *É-dicionário de termos literários de Carlos Ceia*: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ghazal-ghazel-gasal-ou-gazel> (acesso em: 25 maio 2026).



Não está só ligada à poesia a origem de toda essa família, mas sim fundada na poesia, pois ao final do livro Zana questiona toda sua história com base nessa pedra inaugural: “Eu jamais contei ao Halim que havia lido os gazais. Nem meu pai soube disso. Como teria sido minha vida sem aquelas palavras?” (p. 220). A personagem reconhece que talvez tudo fosse diferente não tivesse ela também se entregado à poesia.

Mas a construção desse escritor se concretiza de fato quando ele assume a maturidade da escritura, refletindo sobre ela no epílogo (p. 244): “Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento. Permanecem soterradas em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou”. E, por meio de uma citação, faz um tributo ao conhecimento herdado de

Halim, um dos narradores orais da sua genealogia: “Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras”, me disse Halim”.

Nael conta, portanto, a história de sua formação como escritor e os caminhos trilhados para se tornar um dos grandes narradores da literatura contemporânea. Esse caminho passa necessariamente pelo silêncio e pelo segredo — que serão os elementos impulsionadores da inventividade. Para esse material que será transportado para o suporte da escrita, Nael precisará buscar em diversos suportes, como os arquivos orais (relatos dos narradores indiretos), visuais (fotografias) e memorialísticos (as experiências do corpo). Porém, ainda assim esse narrador encontrará uma história cheia de dispersão, incerteza, lacunas, não ditos, esquecimentos e, em vista disso, ele terá de inventar, ou seja, preencher os espaços em branco com sua imaginação poética.

Indo buscar esses arquivos orais, Nael encontra certa solidariedade dos narradores indiretos. Ao falar, eles jogam seus relatos no ar, permitem que eles viajem. Não assinam com caneta o que falam. Não cercam nem registram propriedade de suas histórias. Falam para ouvidos que os queiram ouvir. Ressignificam seus traumas assim, e a princípio é isso que interessa: contar e recontar. Elaborar perdas. Nael, entretanto, é o ouvido interessado. E constrói seu arquivo quase como se estivesse roubando histórias, roubando o arquivo alheio, destruindo a fronteira entre os arquivos do eu e do outro. Ao entrar para os arquivos do narrador principal, as narrativas subjacentes ganham outro sentido, porque postas em nova rede de ressignificação. Ao olhar e ouvir o outro, Nael inventa a si mesmo. E é bom salientar: inventa. Das bocas de Halim e Domingas jorram as palavras como se viessem do alto de uma cachoeira muito alta, e vêm batendo nas pedras, o jorro desfazendo-se em fios, gotas e vapor d’água. Aqui embaixo, de mãos espalmadas, Nael colhe a evanescência da memória. Memória líquida, sem forma fixa, assumindo, sempre transitória, a forma do recipiente em que esteja. E, nas mãos, escapa por entre os dedos. Esse é um dos seus materiais. Daí eu ter chamado esse narrador de poético. Porque, além de a narrativa ir-se constituindo dinamicamente, também ele, o narrador, nos dá a sensação de que está inacabado a cada instante. O que ele nos mostra de si é também o incerto. Mas o vigor narrativo torna isso convincente. (LEÃO, 2006, p. 222.)

Assim, tudo o que lemos é o que Nael escolheu para nos contar. As coisas podem bem ter se passado assim, mas também podem ter se passado de outro jeito. O fato é que estamos diante de um escritor, e os escritores não estão em busca apenas dos fatos, mas de um modo singular de contá-los. Por isso, ao contrário do pensamento corrente de que os quadrinhos são uma leitura rápida, de fácil compreensão, ou que exigem pouco de seu público, *Dois irmãos*, assim como outros romances gráficos, aborda temas complexos que envolvem outras habilidades além da associação entre palavra e imagem.

Dois irmãos é, inegavelmente, um livro que requer inteligência e sensibilidade do leitor, que exige um esforço intelectual para ativar as habilidades interpretativas visuais e verbais, as referências artísticas discutidas ao longo de sua formação como estudante, a saber, questões de perspectiva e simetria, sintaxe e enredo, além de elementos que se sobrepõem na leitura.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Livro: *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

Obra original na qual foi baseada a versão em quadrinhos.

Vídeo: *Draw my life — Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Ilustrado por Mariana Mendes Amaral e editado por Beatriz Ribeiro. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=fYvPpA7HTg8. Acesso em: 25 maio 2026.

Draw my life é uma modalidade de vídeo no qual se narra uma história de vida através de desenhos em um quadro branco ou em folhas de papel. Aqui as autoras narram a história do livro de Hatoum.

Minissérie: *Dois irmãos*. Direção de Luiz Fernando Carvalho. Brasil, Globo, 2017. 10 episódios.

Produzida pela Rede Globo e exibida em janeiro de 2017. Baseada no romance homônimo de Milton Hatoum, com roteiro de Maria Camargo, faz parte do Projeto Quadrante (2007), que adapta literatura brasileira em minisséries para TV como *A pedra do reino* e *Capitu*. Luiz Fernando Carvalho manteve o estilo teatral e poético na adaptação da história que se passa em Manaus.

Entrevista: “Entrevista com Fábio Moon e Gabriel Bá”. Disponível em: <https://tinyurl.com/dois-irmaos-hq>. Acesso em: 8 jun. 2026.

Entrevista em que os quadrinistas contam suas trajetórias como artistas e os processos de produção desta e de outras obras.

Livro: *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. São Paulo, Penguin/Companhia das Letras, 2012.

Obra lançada em 1904, apresenta uma possível intertextualidade com *Dois irmãos*, na medida em que o título relaciona a parábola bíblica de Esau e Jacó, no livro Gênesis, aos gêmeos Pedro e Paulo, inimigos desde o ventre da mãe e de temperamentos opostos: Paulo, impulsivo e deslumbrado, Pedro, conservador e dissimulado.

Artigo: “Duas vezes dois irmãos: análise comparativa da obra de Hatoum na literatura e nos quadrinhos”, de Maria Luísa Fontenele de Paula. Disponível em: static.casperlibero.edu.br/uploads/2017/02/Maria-Lu%C3%ADsa-F-de-Paula-USCS.pdf. Acesso em: 25 maio 2026. A pesquisadora faz uma análise da estrutura narrativa da obra literária transcodificada para os quadrinhos, através do método da análise comparativa proposta por Tzvetan Todorov e Roland Barthes.

Filme: *O homem duplicado (Enemy)*. Direção: Denis Villeneuve. Canadá e Espanha, 2013, 90 min. Classificação indicativa: 14 anos.

Inspirado no livro do escritor português José Saramago, o filme tematiza o problema da iden-

tidade: um professor de história muda completamente sua vida quando assiste a um filme e descobre que tem um sócio. Obcecado, passa a persegui-lo. O livro dialoga com esse estranho desejo e curiosidade que se tem sobre irmãos gêmeos: afinal, como seria ter alguém com a mesma aparência que a gente andando e fazendo coisas por aí?

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Neste livro, o filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), por meio da análise de espaços e lugares, cria uma reflexão sobre a casa como espaço de proteção e de valores figurativos e simbólicos. Nessa poética da casa, aborda a casa primitiva dos homens (cabanas), a casa das coisas (gavetas, armários e cofres), os ninhos e conchas, os cantos e esconderijos, entre outras figurações da imensidão e da miniatura.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 1998.

O livro traz uma importante elaboração do conceito de cronotopo no romance. Para isso, Bakhtin pesquisa do romance grego às formas da biografia e autobiografia antigas, detém-se nos fundamentos folclóricos do cronotopo de Rabelais até o aparecimento do cronotopo idílico do romance.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

O breve ensaio discute as origens no narrador e como a arte de narrar, de transmitir conhecimento de geração para geração, entra em declínio na modernidade capitalista e com o aparecimento do romance, que faz a experiência coletiva se enfraquecer e ceder lugar à experiência solitária.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Neste livro, um dos quadrinistas mais influentes do século xx discute os princípios da narrativa composta de texto e imagem, apresentando, inclusive, métodos utilizados no cinema, na TV e na internet. A obra foi desenvolvida como guia prático a estudantes, profissionais e professores de artes gráficas, pois traz teorias e técnicas fáceis de serem aplicadas.

MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Makron Books. São Paulo, 1995.

O mais interessante neste livro é que o autor utiliza a linguagem dos quadrinhos para a ensinar sobre a própria linguagem: define os conceitos, demonstra os elementos e as funcionalidades básicas das HQs, abordando o que acontece entre os quadros de uma história e como a mente processa a mensagem ao fazer esse tipo de leitura.

PINTO, Manuel da Costa. “Especial quadrinhos: a ascensão do romance gráfico”. *Revista Cult*, 6 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ascensao-do-romance-grafico>. Acesso em: 25 maio 2026.

O autor discute a emergência de pensar o romance gráfico como gênero com o mesmo status do romance tradicional. Ele destaca que as novelas gráficas “oscilam entre o puro entretenimento e ousadas formas de representação e reflexão” e, como o romance, podem incluir outros gêneros em sua constituição.

OBRAS CITADAS

ALMEIDA, Amauri F. *Dois irmãos: a adaptação da obra de Milton Hatoum em quadrinhos, vista pela perspectiva da intermedialidade, um breve relato*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14764/1/2016_AmauriFernandodeAlmeida_tcc.pdf. Acesso em: 25 maio 2026.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CEIA, Carlos. “Ghazal , ghazel, gasal ou gazel”. In: *E-dicionário de termos literários de Carlos Ceia*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ghazal-ghazel-gasal-ou-gazel>. Acesso em: 25 maio 2026.

LEÃO, Allison. “Dois irmãos: a dissolução da escrita em narrativa poética”. *Itinerários*, Araraquara, n. 24, p. 219-28, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2636/2317>. Acesso em: 25 maio 2026.